



## #MulheresTerritóriosDeLuta

### MulheresTerritóriosdeLuta: Angela Cuenca e a articulação de mulheres na Bolívia

Originalmente publicado no [Medium](#), em 8 de dezembro de 2020

Autoria de Instituto PACS



Foto: Acervo Pessoal

Em mais uma edição da série de entrevistas com mulheres lutadoras da América Latina, trazemos hoje um bate-papo com Angela Cuenca, integrante do **Colectivo de Coordinación de Acciones Socio-Ambientales (Colectivo CASA)**, de Oruro, Bolívia. Angela participou do **2º episódio** do Ciclo de Debates da Campanha #MulheresTerritóriosdeLuta, cujo tema foi “Trabalho Reprodutivo e a Repatriarcalização dos Corpos Territórios”, transmitido no dia

10 de junho no canal do Instituto Pacs no Youtube. A entrevista foi realizada por Marina Praça e Ana Luisa Queiroz, do Instituto Pacs.

**PACS: O que é luta para você? E o que te move?**

Para mim, a luta é um processo em que se defende, em que se faz respeitar os próprios direitos. Sinto que uma luta é também uma força que cada um de nós, especialmente as mulheres, temos em busca de ideais.

Do meu trabalho, da questão ambiental, estou muito comovida com as injustiças, as injustiças sociais, as injustiças ambientais que vivemos. Quando fazemos uma análise com a nossa equipa do Colectivo CASA, é sempre para pensar porque nos articulamos, porque nos reunimos, e é precisamente porque vemos que há tantas injustiças, ainda mais quando há projetos de mineração. Vê-se que se está gerando uma situação de despossessão, estas lacunas econômicas estão tornando-se mais visíveis, porque há alguns que têm muito, que procuram o poder, ao contrário de outros, que são as comunidades, que são as mulheres, que estão em total desvantagem. E é uma forma tão forte de despossessão que algo precisa ser feito. Assim, articulam-se e lutam pelos seus ideais, lutam contra estas formas de injustiça e veem que pouco está acontecendo, mas que há tantas necessidades que têm de ser combatidas. É preciso unir-se e ser forte pelos seus ideais, contra estas formas de injustiça, contra estas desigualdades.

**PACS: Como você se compreendeu como mulher ao longo da sua vida?**

**Você se vê nas mulheres do passado?**

Venho de um processo antigo e muito coletivo. Penso que a maior parte dos nossos anos de trabalho foram feitos com organizações mistas, trabalhamos com homens e mulheres nas comunidades. Mas, desde 2013, sinto que, pessoalmente, temos dado um passo tão forte para olhar para as mulheres, para olhar de forma diferente para o trabalho, a luta, a resistência das mulheres. Porque vimos que todo o trabalho que fizemos foi sempre com homens. Assim, a partir de 2013 foi um ano-chave para nós, e no final deste ano formamos a Rede Nacional de Mulheres em Defesa da Mãe Terra.

Sinto que a minha identidade no trabalho com mulheres, na valorização do nosso trabalho, dos nossos sentimentos, da nossa maneira de ver, vem de antes. Também sinto que a própria sociedade nos esconde, nos impõe quadros e em relações muito desiguais. Portanto, penso que venho desse processo e, desde 2013 até agora, descobrimos que é tão importante esta articulação das mulheres, estarmos juntas, trabalhar de forma coordenada, apoiar-se mutuamente e também valorizar estas formas de cuidados que nós mulheres temos. Os nossos cuidados, tanto familiares, coletivos, mas também estes cuidados individuais. Porque, muitas vezes, não nos damos conta de que nós, mulheres, somos as que sustentam a vida.

Sinto que a minha identidade é também reforçada por tantas lutas, por tantas mulheres, não só a nível local. A nível local, por colegas tão enraizados e que nos ensinam todos os dias as coisas que precisam ser feitas, mas também pelas nossas avós, as nossas mães, que são pessoas que inspiram, e que, de outra forma, também nos mostram o caminho que precisamos seguir.

**PACS: Como você vê o seu corpo? O que você carrega nele?**

Tenho alguns amigos em Challapata, que é uma zona de resistência muito forte, e morro de rir porque há uma irmã, a Naomi, que fala sempre de mim nas reuniões e eu fico muito envergonhada. Mas ela diz: “Neste pequeno corpo, há tanta força”. Sim, eu sinto que, realmente, neste corpo há muitos sentimentos, muitos pensamentos. Também há muita raiva. É um corpo que alimenta a solidariedade, certo? E, bem, às vezes penso que há muitos sentimentos no interior, mas precisamos aprender a canalizá-los, porque há o risco de ficar deprimido, ou de ficar para baixo, porque se veem todas as injustiças à sua volta. Mas, ao mesmo tempo, sinto que este corpo tem muita alegria, muito anseio por justiça, muitos sentimentos bonitos. E aprendi que trabalhar com mulheres é uma obra de amor, de afeto, e é também o que me permite ter força.

### **PACS: De que parte do seu corpo vem a sua força?**

Acredito que a minha força vem centralmente do coração e da cabeça, porque são estas ligações e, bem, também dos pés que são a base forte que permitem avançar com tudo. Sinto que o corpo é realmente super complexo, é um espaço que nos permite fazer tantas coisas, desde o físico até o emocional. Portanto, a força também tem ligação com os desejos. Combino força com desejo, porque se não tivéssemos estes desejos de fazer coisas, talvez o corpo pudesse já não ser como um instrumento, mas há coisas muito mais complexas no seu interior.

Acredito que os corpos não são corpos isolados. Sinto que os corpos estão sempre ligados e estão ligados a outras pessoas, que o inspiram, que o ajudam, que estão em cumplicidade. Assim, os nossos órgãos, ou seja, os nossos pulmões, o nosso coração, a nossa cabeça, a nossa mente, estão

ligados com outras pessoas, mas também com espíritos, com os nossos antepassados, que nos iluminam e nos guiam nas coisas que temos que fazer.

**PACS: Onde está a arte em você? E nos espaços coletivos que faz parte?**

Acredito que a arte, no meu corpo, está mais no meu coração. Porque, sinto que todas estas necessidades, esta iniciativa de poder ligar, de poder pintar a realidade de outra forma, está no coração, no fato de querer, de transformar, partilhar. Também sinto que está na boca, na palavra, em ser capaz de falar, mas também em ser capaz de ouvir. Sinto que, para transformar, para pintar, para desenhar uma realidade diferente, precisamos ser capazes de falar, comunicar, ouvir, porque senão, não seríamos capazes de pintar nada, estaríamos tão isolados das coisas, não estaríamos? E como pode perceber tudo o que é através do seu coração, através dos seus sentimentos, através destas ligações muito raras que são inimagináveis.

**PACS: Para você, o que é cuidar de si? Como você se cuida?**

Cuidar de si próprio é uma prática que, pessoalmente, me tem tocado duramente. Sinto que é muito fácil tomar conta dos outros, e é como um objetivo de vida isso. Mas quão importante é pensar em nós, trabalhar conosco, ver-nos. É muito difícil, não é? Agora tenho me dado um tempo para descansar, porque cheguei a uma fase em que o sono não era importante, nada importava. Mas senti o meu corpo ficando mais fraco e tudo o que eu queria fazer já não era possível. Portanto, agora o principal, para mim, é dividir os meus espaços: o meu espaço de trabalho com o meu espaço familiar, o meu espaço pessoal, e também o meu espaço de casal. Para ter os momentos de trabalho claros, mas sem que isso afete o meu modo de vida.

Parte do cuidado tem ligação com a nossa comida, porque penso que, pessoalmente, tenho sido como um leitão, que come tudo o que há, mas sem se dar conta que há alimentos que nos tornam fortes, há alimentos que são necessários e que, se não cuidarmos de nós próprios, estamos colocando em risco não só a nossa vida, mas tudo o que podemos fazer pelos outros. E isso tem sido difícil de compreender, mas tem sido um processo muito agradável que temos tido desde o ano passado com os nossos parceiros, de pôr em prática os cuidados e os cuidados coletivos.

E algo que aprendi ultimamente é que não tenho de carregar a tristeza dos outros. E é muito difícil, porque sinto que toda a minha vida tentei me colocar no lugar da outra pessoa e viver o que ela estava vivendo para ajudar. E como se livrar disso? Não quero dizer que me tornei insensível ou algo do gênero, mas tem a ver com aprender realmente a canalizar e a transformar todas estas emoções em coisas intencionais, que não só ajudam a mim mesma, mas também podem ajudar a outra pessoa. Mas é preciso libertar-se um pouco dos fardos.

### **PACS: O que te adocece? E o que te cura?**

A injustiça me deixa doente, zangada, me deixa impotente, tão triste, tão desesperada. Muitas vezes sinto ódio, ódio contra aqueles que estão provocando algum tipo de injustiça.

O que me cura é o poder coletivo, definitivamente, o poder de falar, articular, de sonhar com outras pessoas. Penso que é isso que me cura. Mas também ser capaz de fazer algo, a partir destes sonhos, ser capaz de criar, ligar, de traduzir em fatos concretos. E aprendemos que estar bem, que o seu corpo está bem, é também que todas as suas ações estão bem. Se o seu corpo é

mau, se o seu corpo está doente, está com raiva, com ódio, com sentimentos negativos, não será capaz de fazer nada.



Foto: Acervo Pessoal

### **PACS: Como surgiu o Colectivo CASA?**

O Colectivo CASA nasceu há 12 anos, de um pequeno grupo de jovens profissionais com muita raiva das injustiças que vinham da mineração. Vivemos numa área onde a prática existe desde os tempos coloniais, mas desde a década de 1980, as operações de extração em grande escala foram iniciadas por empresas transnacionais. Assim, em 2008, nos reunimos e decidimos, primeiro, fazer um grupo de reflexão e análise frente ao que estava acontecendo. Depois, decidimos nos reunir como um coletivo e começar a apoiar comunidades, organizações, grupos de base que tinham exigências sociais e ambientais. Daí nasceu o coletivo e, como disse, com uma

primeira fase de trabalho muito comunitário, a partir dos direitos coletivos. A partir do ano 2013 começamos com um trabalho com uma perspectiva feminista.

Nos identificamos muito com a ecologia política, mas também com o ecofeminismo. Porque sentimos que estas lutas sempre estiveram ligadas a formas de despossessão, contaminação e violência, e que têm a ver com todo um modelo econômico extrativo e patriarcal, mas que, ao mesmo tempo, é também criminoso. Assim, estas têm sido parte das nossas reflexões no trabalho com o Colectivo. E a partir deste trabalho é que, em 2007–2008, iniciamos também a articulação: fazemos parte da Rede Latino-americana de Mulheres Defensoras dos Direitos Sociais e Ambientais, na qual partilhamos ideais de luta, de defesa dos territórios, mas a partir da voz das mulheres. E em 2013 formamos uma rede local, uma rede boliviana de Mulheres em Defesa da Mãe Terra, que são companheiras afetadas por projetos extrativos, mas que também incluem mulheres de outras comunidades que se encontram em resistência.

### **PACS: O que você acha desta relação entre as mulheres e a luta sócio-ambiental?**

Quando falamos de um projeto extrativo que está entrando em um território, aquelas que fazem a primeira defesa, a partir da identificação do dano, são mulheres. São elas que têm esta ligação direta dos cuidados, que estão na vanguarda da resistência, são as mulheres que estão à frente da família e são elas que não vão negociar por nada a sua vida, a sua saúde, a sua alimentação, não vão negociar por um emprego. Assim, encontrar esta diferença, para nós, tem sido muito interessante, porque depois de ter

trabalhado durante tantos anos com comunidades inteiras, em resistência, vendo os impactos ambientais, estar com as companheiras me faz ver que, realmente, este sistema econômico extrativo é realmente brutal. É tão forte, porque afeta nós, mulheres, de forma diferente, porque estamos nesta relação direta com a Mãe Terra.

As mulheres são as que estão imersas no território de uma forma muito mais forte. E quando falamos dos impactos do extrativismo, o efeito também é diferente, porque as mulheres adquirem uma sobrecarga de trabalho. Elas têm que percorrer longas distâncias para fazer uma nova produção, para obter água limpa para a alimentação, para a saúde, para garantir que a sua família esteja bem. Portanto, esta relação da Mãe Terra, da natureza com as mulheres é uma relação muito forte, e é uma relação que sempre esteve presente, mas talvez... há já alguns anos, esteja se tornando mais visível.

### **PACS: Quais são os atuais megaprojetos na Bolívia? Quais são as empresas?**

Na área onde nos encontramos, nesta área que é majoritariamente mineira — desde os anos 80, temos mineração transnacional. E, para nós, tem sido fundamental saber quais são as empresas que existem. Mas, por detrás deste belo nome que eles próprios dão — porque para além de entrarem no território também se dão um nome local, por exemplo, Inti Raymi, Sinchi Wayra, com nomes quíchua, eles até tiram parte da nossa cultura -, por detrás deles estão grandes empresários, há também outros países, empresários de outros países. Aqui temos muitas empresas que são canadenses, dos Estados Unidos, transnacionais da Suíça e, ultimamente, muitas empresas chinesas. Assim, estas empresas transnacionais também estiveram em diferentes

países causando os mesmos danos, as mesmas formas de despossessão. E por trás destas empresas estão também os bancos, alemães, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, por isso são interesses comerciais muito grandes.

Já temos cerca de 26 anos de resistência numa das nossas comunidades. E, por exemplo, tem se desenvolvido uma empresa canadense, a Castillian Resources. Esta empresa dotou-se de estratégias para, de outra forma, tentar entrar no território. Bem, aí vimos que por trás desta empresa havia, primeiro, uma pequena empresa local, que é a proprietária, e um banco. E para além do fato desta empresa ser um caçador de minas, fazem todo o trabalho e depois vendem toda a concessão e toda a exploração a uma empresa muito maior.

Um dos fatores fortes que vemos nesta relação entre empresas mineiras, empresas transnacionais, e o Estado, é também a facilidade com que as leis são aplicadas. Aqui na Bolívia, desde 2014, foi aprovada uma nova Lei de Minas, nas “costas” das comunidades. Uma lei que foi construída apenas por atores mineiros, mas que coloca toda a receita para uma despossessão legal. Assim, por exemplo, em questões de consulta — consulta prévia, gratuita e informal, que deve respeitar a Convenção 169 da OIT — aqui a lei incorporou uma consulta para as atividades mineiras, na qual são dadas todas as facilidades às empresas. Portanto, um Ministério de Minas não vai obviamente decidir a favor da comunidade, vai decidir a favor da existência de uma operação mineira. Dá-lhes argumentos para que a empresa mineira, caso haja resistência na comunidade, possa usar a força pública. Então é grave, porque é um ataque direto. E isto sempre aconteceu, mas agora é legalizado.

E é muito engraçado, porque nas leis que se vê em letras grandes “sim, não pode ser explorada em áreas protegidas”, “não pode ser explorada perto de igrejas, perto de estradas, perto de fontes de água”, mas se vê os artigos abaixo dizendo “mas sim, pode explorar no caso de ser benéfico para o país”. Então, tudo o que dizia não, agora diz sim, porque tem a ver com a economia do país. É como se alguns direitos tivessem mais valor do que os direitos das comunidades.

### **PACS: Quais são as comunidades mais impactadas?**

Há três contextos diferentes: um, que são comunidades que estão em resistência, como Challapata; há Realenga, que é outra zona produtiva; El Choro; há várias comunidades que não têm mineração e que estão em plena resistência; outras comunidades em que não existe mineração, mas que são impactadas através da água, de rios e lagos — é o caso de Tolapampa, por exemplo. Há outras comunidades que têm mineração desde os tempos coloniais, e depois é criada uma empresa transnacional. Assim, existem três contextos: comunidades em resistência; comunidades que não têm mineração mas que recebem os impactos; e comunidades onde a atividade mineira já está presente.

Nestes três contextos, vimos que os impactos são diferentes nas mulheres. Nas comunidades que têm minas e naquelas que são diretamente afetadas pela água, vemos que a violação dos direitos das mulheres é muito forte, porque elas não têm direito à água; em algum momento sofreram casos de violação. Vimos também que não têm sistemas de saúde adequados, que os impactos da água contaminada estão afetando diretamente as suas condições de vida, etc. E nas comunidades que estão em resistência, é

diferente, porque há um forte impacto emocional. Porque têm medo de, entre a empresa mineira, perder toda a sua produção, há este stress, há muita pressão por parte das empresas para entrar, etc. Assim, vemos que há impactos muito diferentes em cada um dos contextos e que as lutas, as formas de resistência, são também diferentes.

**PACS: Quais são as principais ações e formas de organizar a luta no seu território? Quais são as organizações que apoiam esse esforço?**

Bem, aqui onde estamos, fundamentalmente, trabalhamos com mulheres indígenas, com mulheres nativas e mulheres camponesas. Portanto, são companheiras que têm visões diferentes. Por exemplo, as mulheres indígenas são as que são mais guiadas pelos seus antepassados; são as que têm um respeito muito integral, muito forte, uma ligação muito especial, muito bonita, com a natureza, mas que vem dos seus antepassados. Assim, ouvi-las é muito diferente de ouvir as que vêm de outras comunidades, que são mulheres camponesas, que fazem parte de sindicatos, por exemplo. Há ainda as companheiras que também são irrigadoras. Portanto, estas mulheres são também camponesas, mas culturalmente a sua forma de organização é diferente. Assim, quando começamos a trabalhar com a Rede Nacional de Mulheres em Defesa da Mãe Terra, foi difícil, mas dissemos: não é necessário unir. Decidimos que aqui cada um defende da forma como acredita. E tem sido um processo de construção.

E falando dos processos de resistência, para nós como algumas chaves para avançarmos, há primeiro a articulação: o poder de se reunirem entre as mulheres, o poder de falarem umas com as outras, de se ouvirem umas às outras, construírem e sonhar juntas. A articulação, seja local ou internacional,

é fundamental. Melhor ainda se tiver articulação internacional, porque você vê que tem apoio, que algo está acontecendo na Bolívia, no território, mas sabe que internacionalmente também está sendo apoiado. As ações de advocacia são fundamentais para se poder resistir. Outro eixo muito importante para a resistência é a documentação. Estamos trabalhando arduamente para poder documentar, porque, por vezes, é como se a sua palavra não contasse, mas se tiver algo escrito, só conta como prova. Assim, temos muitas publicações que refletem a situação das comunidades, os casos, os direitos que estão sendo violados, os impactos ambientais, mas agora estamos também trabalhando em publicações para documentar os impactos emocionais. Assim, produzimos um guia de acompanhamento psicossocial, mas a beleza deste guia é que se trata de uma construção coletiva. Não é algo que nós, como instituição, vemos e moldamos. Estamos construindo com os nossos companheiros. E isto também tem a ver com processos de investigação coletiva, porque na realidade o conhecimento está nas mulheres, nas companheiras e no que elas sabem. E acredito que cada um de nós tem conhecimentos, mas na medida em que compartilhamos, esses conhecimentos são enriquecidos. E estes são os processos coletivos que temos realizado.

Também para reforçar a resistência, é importante promover alternativas ao extrativismo, para fazer as sementeiras, colheitas de água, para valorizar as nossas sementes nativas, etc. E também trabalhar muito no autocuidado, no cuidado coletivo, mas também na promoção destes processos de acompanhamento psicossocial. No ano passado, trabalhamos muito sobre isso, a partir de processos pessoais.

Sobre as organizações que nos apoiam, estamos ligados à Rede Latino-Americana de Mulheres Defensoras dos Direitos Sociais e Ambientais, que é

composta por 10 países, tanto na América do Sul, como na América Central. Então há o Chile, Peru, Equador, Colômbia e nós. Na América Central há o México, Honduras, Guatemala, El Salvador e nós estamos numa pequena parte da Argentina. Assim, com esta Rede Latino-Americana, o trabalho é muito bonito. Temos ações muito concretas, em datas muito concretas, mas como há emergências, também nos reunimos e realizamos ações conjuntas de advocacia. Temos assembleias uma vez em cada dois anos, presenciais, mas também temos assembleias que são de três em três meses, onde nos reunimos, partilhando experiências, coordenando ações. Portanto, é um espaço de construção conjunta.

E também fazemos parte do COMAL, que é o Observatório de Conflitos Mineiros na América Latina, de onde partilhamos informações sobre conflitos ambientais, mas também temos, por exemplo, um mapa da criminalização do protesto social. Portanto, estas são lutas e experiências que nos permitem ter maiores ferramentas para continuar a resistir no território. E, a nível local, estamos ligados a organizações feministas e, com a RENAMAT, estamos construindo outro tipo de "feminismo", algo novo, diferente, com características próprias, mas obviamente nos sentimos feministas porque estamos defendendo os direitos das mulheres.

Fazemos parte também de outros tipos de redes, por exemplo, uma rede anti-militarista, na qual nos ligamos a outros países e vemos como estas relações entre o Estado e as empresas transnacionais estão também ligadas às forças públicas, como utilizam os militares para defender a expropriação e colocar os direitos das comunidades por baixo. Então é aí que nos ligamos a esta rede anti-militarista que nos tem dado novas contribuições para ver as lutas, para ver as resistências. E nós fazemos parte de outra rede latino-americana, que se chama Rede ALAS (Alternativa Social Latino-Americana), que é uma rede

em que estamos descobrindo as diferentes máfias que estão tomando espaços, estes grupos articulados, e que obviamente encontramos redes mafiosas muito interessantes nas comunidades onde também existem atividades mineiras. E a ligação dos direitos, o tráfico de pessoas... ou seja, há muitas coisas complexas quando se fala de projetos extrativos.

Por isso sinto que, quando falamos de projetos extrativos, de defesa da vida, e quando falamos de mulheres, temos de desenvolver os mais criativos, os mais proposicionais e também os mais protegidos. Penso que estes são pontos-chaves e que temos de fazer em conjunto, porque se não, uma resistência, uma luta isolada, é muito difícil de sustentar. E a outra coisa importante que toda esta fase da gestão de conflitos nos ensinou é que devemos nos valorizar como mulheres, valorizar a nossa luta e a nossa resistência.



Foto: Acervo Pessoal